



W.E.B. DU BOIS E A INAUGURAÇÃO DE UMA SOCIOLOGIA INTERSECCIONAL¹

Reiland Rabaka²

Tradução: Fernando Oliveira da Costa³

Revisão da tradução: Angelo Martins Jr⁴

Resumo: Como um breve exercício dentro da *sociologia crítica da sociologia*, esse artigo demonstra as inegáveis contribuições de W.E.B. Du Bois para a *história, discurso e desenvolvimento da sociologia americana*, em particular, e para o campo mais amplo da sociologia, em geral. Essa abordagem dialética para com o discurso sociológico de Du Bois possibilitará interpretes de seus trabalhos a verem que quando comparados e contrastados com as obras monumentais de Karl Marx, Max Weber e Emile Durkheim, o que ficou e o que permanece verdadeiramente característico e distinto sobre a sociologia de Du Bois é precisamente sua despreocupada preocupação, unicamente e inequivocamente, com as questões sociais, políticas e culturais americanas, como por exemplo: raça e o racismo anti-negro no contexto da escravidão, linchamentos, *Black Codes*, as leis do *Jim Crow*, segregação, e outras formas de opressão racial nos Estados Unidos; capitalismo racial e a colonização racial de classes sociais nos EUA; a colonização racial de gênero e sexualidade nos EUA; a colonização racial da religião nos EUA; a colonização racial da educação nos EUA; e finalmente, a criminalização racial da população negra, dentre outras populações racialmente colonizadas e muito pobres nos EUA.

Palavras Chave: W.E.B. Du Bois, Interseccionalidade, Sociologia

W.E.B. DU BOIS AND THE INAUGURATION OF INTERSECTIONAL SOCIOLOGY

¹ **Título original:** W.E.B. Du Bois and the Inauguration of Intersectional Sociology.

² Reiland Rabaka é professor de Estudos africanos, afro-americanos e caribenhos no Departamento de Estudos Étnicos da Universidade de Colorado, na cidade de Boulder. E-mail: Reiland.Rabaka@colorado.edu

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e membro do grupo de pesquisa Transnacionalismo Negro e Diáspora Africana vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (NEAB/UFSCar). E-mail: fernandoo19@hotmail.com

⁴ Pesquisador Associado da *School of Sociology Politics and International Studies*, University of Bristol, Reino Unido. E-mail: angelo.martinsjunior@bristol.ac.uk

Abstract: As a brief exercise in the *critical sociology of sociology*, this article demonstrates W.E.B. Du Bois's undeniable contributions to *the history, discourse, and development of American sociology* in particular, and the wider world of sociology in general. This dialectical approach to Du Bois's sociological discourse will enable objective interpreters of his work to see that when compared and contrasted with the monumental work of Karl Marx, Max Weber and Emile Durkheim, what was and what remains really and truly distinctive about Du Bois's sociology is precisely his unpretentious preoccupation with uniquely and unequivocally *American* social, political, and cultural issues, such as, for example: race and anti-black racism in the context of slavery, lynching, Black Codes, Jim Crow laws, segregation, and other forms of racial oppression in the United States; racial capitalism and the racial colonization of social classes in the United States; the racial colonization of gender and sexuality in the United States; the racial colonization of religion in the United States; the racial colonization of education in the United States; and, finally, the racial criminalization of blacks, among other racially colonized and poverty-stricken people, in the United States.

Keywords: W.E.B. Du Bois, Race, Intersectionality, Sociology

TITULO EM ESPANHOL

Resumen: Como un breve ejercicio dentro de la *sociología crítica de la sociología*, este artículo demuestra las innegables contribuciones de W.E.B. Du Bois para la *historia, el discurso y el desarrollo de la sociología americana* en particular, y para el campo más amplio de la sociología en general. Este enfoque dialéctico del discurso sociológico de Du Bois permitirá a los intérpretes de sus obras ver que, cuando se comparan y contrastan con las obras monumentales de Karl Marx, Max Weber y Emile Durkheim, lo que queda y lo que sigue siendo verdaderamente característico y distinto de la sociología de Du Bois es precisamente su preocupación sin pretensiones, única e inequívoca, con los problemas sociales, políticos y culturales americanos, como: la raza y el racismo contra los negros en el contexto de la esclavitud, los linchamientos, los *Black Codes*, las leyes de *Jim Crow*, segregación y otras formas de opresión racial en los Estados Unidos; capitalismo racial y colonización racial de clases sociales en Estados Unidos; colonización racial de género y sexualidad en Estados Unidos; la colonización racial de la religión en Estados Unidos; la colonización racial de la educación en Estados Unidos; y finalmente, la criminalización racial de la población negra, entre otras poblaciones colonizadas racialmente y muy pobres en los Estados Unidos.

Palabras clave: W.E.B. Du Bois, Interseccionalidad, Sociología

TITULO EM FRANCÊS

Résumé: En tant que bref exercice de *sociologie critique de la sociologie*, cet article démontre les contributions indéniables de W.E.B. Du Bois pour *l'histoire, le discours et le développement de la sociologie américaine* en particulier, et pour le champ plus large de la sociologie en général. Cette approche dialectique du discours sociologique de Du Bois permettra aux interprètes de ses œuvres de voir qu'en comparaison et en contraste avec les œuvres monumentales de Karl Marx, Max Weber et Emile Durkheim, ce qui



graduação em sociologia neste país sem ao menos ouvir sobre Du Bois” (ANDERSON 1996, p. xiv).

O peso das palavras de Anderson ajuda a iluminar as razões deste artigo e traz, talvez, uma importância extra. Colocando de forma mais clara, o que esse artigo procura oferecer de distinto é que ele tece os divisores de águas da gama dos trabalhos científicos de Du Bois, juntamente com a tentativa interpretativa de criar um inventário crítico, o qual cuidadosamente interroga *o que foi incluído* e *o que foi excluído* quando analisamos as contribuições de Du Bois para a sociologia. No centro conceitual deste estudo há um conjunto de questões cruciais, questões as quais eu acredito que permanecem importantes para a compreensão da história da sociologia: por que é urgente para sociólogos contemporâneos, ou melhor, sociólogos do século XXI, saber *quem* foi Du Bois e *qual* foi sua contribuição para a sociologia? E, em termos metodológicos, por que é importante não apenas saber *quais contribuições*, mas também *como* Du Bois contribuiu para a sociologia a partir de sua inovadora e histórica abordagem intelectual?

Deve ser declarado aqui, desde o início: As verdadeiras respostas para essas questões não estão postas em quem W.E.B. Du Bois foi, mas sim em seu (negligenciado) legado científico social. Isto significa que as respostas estão colocadas nas contribuições duradouras de suas formações e práxis discursivas para a compreensão crítica da posteridade dos caminhos pelas quais as desigualdades sociais e injustiças clássicas são, frequentemente inextrincáveis e indelevelmente, conectadas com as desigualdades e injustiças sociais contemporâneas – e fielmente seguidas da sociologia interseccional e inovadora de Du Bois, especialmente em consideração às maneiras em que raça, gênero e classe, frequentemente, coincidem e transmutam-se para formar sistemas de opressão encadeados de racismo e sexismo e capitalismo. Em outras palavras, a distinção do discurso de Du Bois tem a ver, sobretudo, com sua extraordinária ênfase que antecipa o que nós chamamos de “interseccionalidade” (ou melhor, “interseccionalismo”) contemporaneamente na academia (CARASTATHIS, 2016; COLLINS; BILGE, 2016; CRENSHAW, 1989; 2019; GRZANKA, 2018; HANCOCK, 2016; MAY, 2015; NASH, 2019; ROMERO, 2018).

A CARACTERÍSTICA DISTINTA DA SOCIOLOGIA DE DU BOIS



escola de sociologia americana”, com a Escola de sociologia da Universidade de Atlanta (1895-1925), precedendo em duas décadas a escola de sociologia da Universidade de Chicago (1915-1930) (DU BOIS, 1897, 1900a, 1903b, 1904a, 1940, 1969; FORMWALT, 2013; LANGE, 1983; MORRIS, 2015; RABAKA, 2010; WRIGHT, 2016).

Não importa o que Du Bois aprendeu e utilizou de seus professores e colegas na Fisk, em Harvard e na Universidade de Berlim. É intelectualmente falso interpretar suas contribuições para as ciências sociais de forma que sejam sempre derivadas, ou consequência, de seus estudos com professores europeus (como por exemplo, Gustav von Schmoller, Heinrich von Treitschke, e Adolf Wagner) e euro-americanos (como por exemplo, William James, Josiah Royce, George Santayana, e Albert Bushnell Hart) (LEWIS 1993, p. 179-210; EDWARDS, 2001; WEGER, 2009). Nenhum desses professores supracitados ousou fazer o que Du Bois fez: ele inaugurou uma tradição, ou uma “escola” de pesquisa científica social empírica, principalmente preocupada com os principais problemas enfrentados pelos cidadãos dos Estados Unidos (BAY, 1998; DU BOIS, 1978; MORRIS, 2015; SCHRAGER, 1996; WRIGHT, 2016; ZUBERI, 1998, 2004). O que é mais impressionante são as contribuições de largo alcance e larga escala de Du Bois para a sociologia, as quais inegavelmente incluem contribuições para a sociologia urbana, sociologia rural, sociologia da raça, sociologia da classe, sociologia da cultura, sociologia da religião, sociologia da educação, sociologia do crime, sociologia da família e suas contribuições masculinas-feminista, produtivas para a sociologia do gênero e a sociologia interseccional (BALFOUR, 2011; GILLMAN E WEINBAUM 2007; GREEN; WORTHAM, 2015, 2018; HANCOCK, 2005; HATTERY; SMITH, 2005; LEMONS, 2009; LUCAL, 1996; RABAKA, 2007, 2010, 2017; ZERAI, 2000).

DU BOIS, SOCIOLOGIA RURAL, SOCIOLOGIA URBANA E SOCIOLOGIA DA CLASSE

Sem dúvidas Du Bois foi um dos primeiros inovadores, e contribuidores críticos, para a pesquisa empírica nas ciências sociais no alvorecer da sociologia como disciplina nos EUA, sobretudo durante sua fase de formação – a qual abrange os anos de 1895 a 1915 (DU BOIS, 2009, 2011, 2014, 2017; GOODING-WILLIAMS, 2009; LEMERT, 2000; MORRIS, 2015; RABAKA, 2010; WORTHAM, 2005B, 2009C; ZUCKERMAN,



Seu trabalho faz alusão à infinidade de formas nas quais a população negra de Farmville, na virada do século XX, estava situada no “centro geográfico de um Estado historicamente escravagista”. A maioria dos pais dos moradores da vila vivenciaram, em primeira mão, a “ascensão e o declínio do sistema escravagista de *plantation* [...] e a revolução moral e econômica da emancipação em um condado onde a propriedade escrava valia no mínimo \$2.500,000”. No entanto, seus primeiros trabalhos não se envolvem nas armadilhas de ceder ao Eurocentrismo e ao elitismo da cultura e dos valores Vitorianos da classe média branca; esse tipo de crítica que Du Bois desenvolveu seria registrada mais tarde, por vários autores (GAINES, 1996, p. 152-178; LEWIS, 1993, p. 201-210; MARABLE, 1986, p. 25-51).

Anos antes, e por mais de uma década depois do *The Philadelphia Negro* ser publicado, Du Bois estrondosamente rejeitou a grande teorização racista antinegra de lugar comum nos círculos sociológicos de seu tempo. Ele, fazendo alusão à sua própria sociologia histórica radical, denunciou várias das principais estrelas sociológicas de sua época – teóricos da sociologia como Herbert Spencer, Charles Ellwood e Lester Ward – por misturarem seus mal-entendidos hierárquicos raciais e coloniais da sociedade com a observação empírica do comportamento humano, sobretudo de práticas e culturas de africanos e afro-americanos (BAY, 1998; LEMERT, 2000; MORRIS, 2015; RABAKA, 2010; SAARI, 2009; WRIGHT, 2016). Apesar de negligenciado “*The Negroes of Farmville*” é como se fosse a *Pedra de Roseta* em termos de decifração, não meramente as contribuições de Du Bois para a sociologia rural, mas também para suas contribuições inovadoras para a sociologia urbana. Empreendido durante a época em que a sociologia de Spencer dominava o discurso sociológico, o estudo de Farmville estava agradavelmente livre da grande teorização sem fundamento, que parecia sempre privilegiar comentários conjecturais sobre o tipo de investigação sociológica empírica que Du Bois foi treinado, e que ele voluntariamente decidiu desenvolver nos EUA, especialmente em consideração ao “Problema Negro”⁵ (DU BOIS, 1978, 2004, 2009, 2014; EDWARDS, 2006; MORRIS, 2015, p. 15-54; SAARI, 2009; SAINT-ARNAUD, 2009, p. 121-156).

⁵ A literatura do período trabalha com o termo “The Negro Problem”. Ver mais em: WASHINGTON, B. T. *The Negro Problem: a series of articles by representative American Negroes of today*. Nova Iorque: J. Pott & Co., 1903.



Baseado e indo decididamente além do escopo metodológico e da orientação de “*The Negroes of Farmville*”, o *The Philadelphia Negro* de Du Bois confirma a condição de Pedra de Roseta dos estudos rurais em seu discurso sociológico. Espelhando discursivamente sua discussão na história e herança específicas, na racialização e criminalização, na vida familiar e condições conjugais, na educação e analfabetismo, e no trabalho e salários do “condado negro” de Farmville, *The Philadelphia Negro* adicionou investigações profundas de taxas de doença e mortalidade, alcoolismo e pauperismo, políticas eleitorais e também sobre práticas religiosas da “cidade negra”. Muito mais metódico e meticuloso que o estudo rural, o *The Philadelphia Negro* conquistou, mais de um século depois de sua publicação, um lugar único para si nos anais das ciências sociais americana (ANDERSON, 1996; BOSTON, 2017; BURBRIDGE, 1999; HUNTER, 2013; RUDWICK, 1960, p. 28-38; SAARI, 2009; WORTHAM, 2008, 2009b).

Sem dúvidas um dos maiores avanços do *The Philadelphia Negro* foi sua detalhada discussão de formação de classe entre os afro-americanos em apenas três décadas depois da assinatura da proclamação da emancipação. Ainda mais meticulosamente do que em “*The Negroes of Farmville*”, Du Bois explorou o interior de regiões não exploradas das classes sociais dos afro-americanos, e inovadoramente determinou que a formação e o conflito de classe por parte dos afro-americanos era, com certeza, consequência da economia, emprego, educação, posse de propriedades, maneiras e morais, mas também, e até mais efetivamente, da racialização e assimilação – que ele definiu como “preconceito de cor”, “linha de cor”, “discriminação contra os negros”, “forma tangível do preconceito contra os negros”, “a política silenciosa contra os negros”, “discriminação velada” e “ostracismo social” (DU BOIS 1899b, p. 322-367).

Parecendo extrair e cometer simultaneamente um *coup d'état* conceitual na parte central das concepções de classe de Weber e Marx, o conceito de classe de Du Bois, mesmo nessa circunstância inicial, é importante por conta de sua atenção crítica para as formas que a economia política da raça e o racismo anti-negro, em uma sociedade supremacista branca e capitalista, como os EUA, ditam e determinam que as classes sociais entre os afro-americanos poderiam ser vistas mais apropriadamente como *classes raciais* (ANDERSON, 2000; GAINES, 1996, p. 152-178; REED, 1997, p. 27-41; TROTTER, 2001).



Mesmo se todas as outras inovações sociológicas de *The Philadelphia Negro* fossem negligenciadas, como frequentemente foram, a insistência obstinada de Du Bois nas maneiras pelas quais as classes sociais dos afro-americanos permaneceram degradantemente racializadas e, portanto, são sempre mais do que meras classes socioeconômicas – nos moldes das concepções sociológicas convencionais de classe – deveria ser calmamente e cuidadosamente considerada tanto pela sua significância sociológica clássica quanto contemporânea. A sociologia das classes raciais de Du Bois se estende a partir do século XIX, atravessa o século XX, e ressoa em ambas as sociologias da raça e da classe no século XXI, com sua intensa ênfase na formação de classe e culturas de classe, peculiares e particulares dos afro-americanos.

Sua sociologia das classes raciais registra um lembrete inicial de que não importa quão “universais” muitos sociólogos acreditem que sejam as concepções weberianas e marxianas de classe, elas são adaptadas principalmente para coincidir com as necessidades e avidez dos europeus, e não desse grupo não europeu, como os afro-americanos, que eram, verdade seja dita, escravizados e colonizados - ou melhor, *racialmente colonizados* pelos europeus a partir de uma formação de classe ampla: da burguesia e pequena burguesia, para o proletariado e o lumpen-proletariado (HORNE, 1986; MARABLE, 1986, p. 75-120; MULLEN, 2015, p. 56-95; MULLEN, 2016, p. 57-104).

DU BOIS E A SOCIOLOGIA DA RAÇA

As contribuições de Du Bois para a sociologia são mais facilmente aceitas quando nos referimos à sociologia da raça e, até certo ponto, à sociologia da classe. Embora ele habitualmente seja restringido à sociologia da raça – isto é, quando os esforços de seu trabalho são registrados no mundo da sociologia –, permanece o fato que pouquíssimos sociólogos têm realmente e verdadeiramente tentado compreender e entender as concepções da raça em Du Bois, assim como suas críticas ao racismo. Além disso, alguns sociólogos têm explorado e extrapolado sua inovadora *sociologia das classes raciais* – o que significa que suas críticas da economia política da raça, racismo, violência racial, colonialismo racial, capitalismo racial, racialização do gênero e racialização da sexualidade, negritude, branquitude e, com certeza, supremacia branca, e as formas pelas



quais cada uma das categorias mencionadas está relacionada, de uma forma ou de outra, com o status econômico, político e social percebido de uma pessoa, ou com a sua falta (DU BOIS, 2004, 2009; MORRIS, 2007; 2015; RABAKA, 2007, 2008, 2010, 2017).

As contribuições de Du Bois para a sociologia da raça em seu livro mais famoso, *The Souls of Black Folk*, orbita em torno de dilemas e dualidades, ou melhor, dos enigmas e complexidades do que significa ser negro em um mundo branco – o que é geralmente chamado de “Problema Negro”, na virada do século XIX. Em *The Souls of Black Folk*, ele criou vários conceitos importantes sobre raça e sobre as críticas ao racismo para complementar seus esforços iniciais de desenvolver o estudo social científico no interesse de “emancipar os oprimidos”. Muitos dos conceitos da experiência racial vivida que Du Bois articula em *The Souls of Black Folk* são intelectualmente interconectados e se cruzam interminavelmente, e eles oferecem, fundamentalmente, várias de suas contribuições duradouras para a sociologia da raça. Indiscutivelmente, seus conceitos de “dupla consciência”⁶ e a “linha de cor”⁷ são sociologicamente significativos. Porém, eu afirmaria que sua teoria sobre visibilidade “velada” e a invisibilidade da população negra, assim como sua ênfase no “segundo ponto de vista” único dos negros em um mundo branco é igualmente importante no que diz respeito à sociologia da raça (DU BOIS, 2011; MORRIS, 2007, 2015; PETTIGREW, 1980; SHAW, 2013; WINANT, 2007; YOUNG, MARABLE, HIGGINBOTHAM, LEMERT and WATTS, 2006).

A visão de Du Bois do véu, ao lado de seu corolário conceito da linha de cor, foi “profético” no sentido de que ele continua capturando os enigmas da trajetória e da transmutação do apartheid americano: dos *Black Codes* e as leis do *Jim Crow* do século XIX, para a extrema segregação racial que levou ao Movimento de Direitos Civis e, por fim, no racismo explícito e não explícito do século XXI no período pós Direitos Civis. No lugar em que a linha de cor traz a lembrança os mundos branco e negro, racialmente

⁶ A ideia de “dupla consciência” em Du Bois refere-se a difícil e conflituosa convivência entre o pertencimento branco e o não-branco, uma vez que o processo de formação subjetiva racializada se dá tendo o polo branco como eixo orientador o negro se vê como tal em função da perspectiva e forma de olhar branca. Trata-se de uma noção que retrata a luta em torno do pertencimento travada no interior do corpo negro.

⁷ Linha de Cor, ou *Color Line* é pensada como uma estrutura global que configura estratificações e hierarquizações sociais por meio dos usos políticos da categoria “raça”. As “raças”, portanto, são categorias sociológicas e políticas e não biológicas que foram úteis à formação dos impérios ocidentais e da manutenção do colonialismo. A Linha de Cor é entendida como uma estrutura global de opressão e estratificação social.



segregados, respaldados pelas leis do Jim Crow, separados e desiguais (como oposição ao separados, mas iguais) do fim do século XIX e início do século XX, o discurso do véu de Du Bois pontua as maneiras em que a colonização racial não torna os racialmente oprimidos completamente isentos de agência humana e criatividade cultural.

Na verdade, de certa forma, o trabalho de Du Bois aqui sugere que a qualidade velada da linha de cor, na melhor das hipóteses, borra, e, na pior, cega a agência humana e a capacidade para criação cultural de negros e brancos. Portanto, a significância sociológica do véu é dual, ou melhor, duplicada, e embora tanto o mundo vivido e as experiências de brancos quanto negros girem em torno da mesma linha de cor, são suas relações divergentes para com o véu e com as formas em que o véu racialmente (re)estrutura seus mundos psicológicos, sociais e culturais que determina suas autoconcepções, e literalmente a qualidade de suas *almas-vidas* (CARROLL, 2003; CROUCH; BENJAMIN, 2002; ENGLAND; WARNER, 2013; FONTENOT, 2001; GOODING-WILLIAMS, 2009; HUBBARD, 2003; LEMERT, 1994).

Os discursos sobre o véu e a linha de cor, em Du Bois, são sociologicamente significativos, pois representam um dos primeiros esforços feitos por um sociólogo na tentativa de articular a *teoria social crítica da opressão racial, exploração racial e violência racial* – isso significa uma teoria social crítica das formas em que a opressão racial, a exploração racial e a violência racial: primeiro, divide racialmente e separa socialmente (a linha de cor); segundo, distorce comunicações culturais e relações humanas entre aqueles divididos racialmente ao longo da linha de cor (o véu); e terceiro, como um resultado de cada um dos pontos mencionados acima, faz com que os negros sofram de um grave complexo de inferioridade que insidiosamente os induz a se ver constantemente a partir dos pontos de vista branco, supostamente “superior” (dupla consciência). Os processos e práticas de ocultação do véu (re)organiza racialmente e literalmente tudo o que cruza a linha de cor, toda interação entre os “dois mundos de dentro e de fora do véu”, portanto, *borrando*, ou, mais frequentemente, *cegando* aqueles que são brancos e aqueles que, de forma negligente e indiferente, desejam não enxergar os não brancos (por exemplo, a humanidade, a história e cultura não branca) (BRODWIN, 1972; GOODING-WILLIAMS; MCBRIDE, 2005; MOCOMBE, 2008; PROVENZO, 2005; SHAW, 2013; WOLFENSTEIN, 2007; WORTHAM, 2011).



Embora os brancos frequentemente deixem os negros anônimos e invisíveis no mundo branco, os negros não são invisíveis uns para os outros. Assim como Du Bois apontou em *The Philadelphia Negro*, os negros não são uma “massa homogênea” dentro do mundo do véu. No entanto, uma das consequências da hegemonia sócio-política branca e sua habilidade para amplificar sua *ideologia da invisibilidade negra* é que os negros começam a internalizar a *dialética diabólica da superioridade branca e inferioridade negra*, a qual por sua vez conduz para o que Du Bois enigmaticamente chamou de “dupla consciência” – isso significa *a condição psicológica e o estado social em que os negros, incessantemente e acriticamente, se envolvem e julgam seus mundos e lutas (suas vidas), utilizando exclusivamente a cultura racista antinegra do mundo branco e suas concepções de civilização* (ALLEN, 1992; BALFOUR, 1998; BELL, 1996; BLACK, 2007; BRUCE, 1992; DENNIS, 2003; GILROY, 1993; ITZIGSOHN; BROWN, 2015; LYUBANSKY; EIDELSON 2005; MOCOMBE, 2008; PITTMAN, 2016; RABAKA, 2018; RAWLS, 2000; TOMISAWA, 2003; K.H. WILSON, 1999).

O discurso de Du Bois sobre o véu é compatível com seu conceito de dupla consciência, na medida em que também busca explicar que os esforços dos negros para ganharem autoconsciência em um mundo supremacista branco serão, por padrão, sempre e em todo lugar, prejudicados e distorcidos, pois as ideias e imagens predominantes e difundidas sobre os negros e a negritude (ou melhor, de africanos e da *africanidade*) nas sociedades supremacistas brancas são fabricadas e manufaturadas pela *dialética diabólica da supremacia branca e a inferioridade negra*.

Em outras palavras, onde o véu metaforicamente representa os modos em que a linha de cor é constantemente encoberta por uma nuvem negra de equívocos, falhas de comunicação e desconfianças entre os “dois mundos, o de dentro e o de fora do véu”, a dupla consciência captura conceitualmente o fato negligenciado de que os negros não apenas internalizam a *dialética diabólica da superioridade branca e a inferioridade negra* no mundo supremacista branco, mas também o fato de que parte e parcela da hegemonia ideológica do mundo supremacista branco (em termos Gramscianos) é o cobertor constante de um mundo negro (dominado por brancos), o qual possui concepções erradas e equívocos *anti-negro, racistas e supremacista branco, acerca do negro e da negritude* (Africanos e *Africanidade*) e *supremacista branco* (GRAMSCI 1971, p. 206-276; GRAMSCI, 2000, p. 189-221). O conceito de dupla consciência, portanto,



corajosamente aborda o tópico tabu (entre ambos negros e brancos) da internalização intensa, por parte dos negros, das criações supremacistas brancas e anti-negras, assim como da disseminação da negritude.

DU BOIS E A SOCIOLOGIA DE GÊNERO

Apesar de negligenciada a favor de seus mais renomados escritos sobre sociologia urbana e sociologia da raça, Du Bois fez diversas contribuições importantes para a sociologia de gênero, sociologia feminista, feminismo marxista e feminismo negro (BALFOUR, 2011; GILLMAN e WEINBAUM, 2007; HANCOCK, 2005; HATTERY; SMITH, 2005; LEMONS, 2009; LUCAL, 1996; RABAKA, 2007, 2010, 2017; WEINBAUM, 2001, 2013; ZERAI, 2000). Ele publicou dezenas de artigos, ensaios, romances e poemas que passaram a ser consideradas sérias contribuições para a sociologia de gênero. Para colocar isso de uma forma mais sucinta possível, Du Bois desenvolveu uma *sociologia das classes racialmente-generificada*, criticando simultaneamente o racismo, sexismo e o capitalismo como sistemas de exploração, opressão e violência – os quais são sobrepostos e interligados. Por exemplo, em seu mais amplamente lido trabalho na sociologia do gênero, “*The Damnation of Women*”, em seu livro *Darkwater*, Du Bois (1920) declarou que há três “grandes causas”, no mundo moderno, para as quais cada ser humano deve dedicar atenção especial e consideração cuidadosa: o “problema da linha de cor”, a “elevação das mulheres” e o “movimento pela paz”.

Du Bois comentou sardonicamente que as mulheres em geral, e as mulheres negras em particular, “não existem para si mesmas, mas sim para os homens”. Ele foi além ao afirmar que “elas não eram seres, elas eram relações e essas relações eram envolvidas com mistério e sigilo”. Enquanto a maioria dos homens negros e brancos contemporâneos de Du Bois argumentava que “o lugar da mulher é dentro de casa”, Du Bois não associou sociologicamente mulher com feminilidade, fragilidade e dosmesticidade, ou com a representação da *mulher fatal*. Ele era um apoiador leal do sufrágio das mulheres e um defensor cada vez mais ferrenho das mulheres negras, criticando os mitos e estereótipos, tanto da supremacia branca quanto da masculinidade negra, destinados às mulheres afro-americanas (GILLMAN e WEINBAUM, 2007;

LEMONS, 2009; MCKAY, 1985, 1990; PAULEY, 2000; WATKINS, 2016a, 2016b; YELLIN, 1973).

Pelo fato de Du Bois ter sido frequentemente visto a partir de perspectivas monodisciplinares, suas contribuições interseccionais e transdisciplinares têm sido constantemente minimizadas e reduzidas. Na cabeça de muitos sociólogos (se é que Du Bois alguma vez já passou pela cabeça deles) ele é, *au mieux*, talvez o sociólogo “pioneiro” da raça, mas além disso, nenhuma concessão foi ou pode ser feita. Até mesmo no interior dos estudos sobre Du Bois, antes de sua morte e certamente postumamente, os trabalhos de Du Bois, mesmo quando reconhecido seu amplo alcance e influência intelectual para além da sociologia da raça, tem sido ainda relegado, ou para usar uma linguagem crítica do *apartheid epistêmico*, *isolado conceitualmente* para os subcampos focados da raça e etnicidade no interior das disciplinas “tradicionais”.

No entanto, e como eu argumento em *W.E.B. Du Bois and the Problems of the Twenty-First Century* (2007), muito dos problemas sociais e políticos do século XX foram transferidos para o século XXI, especialmente os problemas de racismo, sexismo, capitalismo e colonialismo. Surpreendentemente, quando comparado particularmente com o trabalho de outros de sua época, o discurso de Du Bois acabou se desenvolvendo para uma estrutura interseccional incipiente que, de acordo com Susan Gillman e Alys Weinbaum em *Next to the Color-Line: Gender, Sexuality, and W.E.B. Du Bois* (2007), “justapôs” raça-com-gênero-com-classe para uma extensão tão inovadora que elas ousadamente declararam que “difícilmente haveria um momento mais oportuno do que o presente para retomar seus escritos, do ponto de vista conceitual e histórico, o mais amplamente possível”.

Há, nos estudos sobre Du Bois, uma longa história de interrupção e desconexão (ao contrário da intersecção, interconexão e justaposição características de Du Bois) das diversas variáveis sociais ou problemas sociais que ele criticou e procurou soluções, o que em muitas vezes apaga ou, ao menos, tornam invisíveis a *linguagem e lógica crítica racialmente-generificada* implícita ou velada em jogo, e isso é parte integrante de seu conhecido discurso sobre raça e racismo. Em outras palavras, como afirmam Gillman e Weinbaum: “como leitoras de Du Bois, nós definitivamente chegamos a uma conjuntura histórica em que a assustadora expansividade da gramática de Du Bois – sem mencionar sua vida e obra, as quais já cruzam dois séculos e atravessam o globo - exige



revigoração e renovação pelas preocupações acadêmicas e políticas que tem, nas últimas três décadas, se tornado inseparáveis do “problema da linha de cor” que Du Bois formulou e contra qual ele combateu em frentes múltiplas”. Du Bois, de fato, lutou “em frentes múltiplas” e uma das armadilhas de forçar seu trabalho a se adequar às concepções eurocêntricas, patriarcais e/ou burguesas do “quem conta como sociólogo”, ou o que conta como sociologia, é porque grande parte da distinção (e sem mencionar a interseccionalidade e transdisciplinaridade) sociológica de Du Bois se perde na tradução monodisciplinar (RABAKA, 2010, p. 337-362).

Em termos de identificar e analisar as contribuições de Du Bois para a sociologia de gênero, em geral, e para a sociologia do feminismo negro, em particular, o que mais me interessa aqui é como Du Bois sustentou, assim como Joy James (1997) coloca, “ligações conceituais e políticas” entre diversas teorias antirracistas, antissexistas, anticoloniais e anticapitalistas com movimentos sociopolíticos. Ao contrário da maioria de seus pares sociológicos, Du Bois não minimizou ou tentou apagar a discriminação e dominação de gênero. Pelo contrário, com o tempo, seu trabalho situou a crítica do sexismo e do racismo lado a lado, ou melhor, em justaposição à crítica do capitalismo, a análise de classe e a teoria dos conflitos de classe. Sintonizado com o pensamento de muitas feministas marxistas e socialistas, Du Bois tornou-se crítico, tanto do capitalismo quanto do patriarcado.

Ele passou a entender que as mulheres, em geral, têm um grande potencial como agentes de transformação social democrática, por causa de sua experiência simultânea de exploração capitalista e opressão sexista. Contudo, de maneira semelhante em muitos aspectos à maioria das sociólogas feministas negras contemporâneas, Du Bois compreendeu, enfim, que as mulheres negras, especificamente, têm grande potencial como agentes de uma mudança social radical e democrática por conta de suas experiências simultâneas de racismo, sexismo e exploração econômica, seja sob o capitalismo ou o colonialismo. A estrutura sócio-teórica de Du Bois, portanto, tem imensa importância para a discussão em questão, na medida em que fornece para sociólogos contemporâneos da raça e gênero e classe um paradigma e ponto de partida para o desenvolvimento de uma *sociologia transdisciplinar e interseccional* que é simultaneamente crítica do racismo, sexismo, capitalismo e colonialismo.



DU BOIS E A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

Enquanto o trabalho pioneiro de W.E.B. Du Bois como historiador, sociólogo, cientista político e teórico da raça foi muito elogiado e debatido acaloradamente nas décadas que seguiram sua morte, em 1963, poucos teóricos sociais e, principalmente, críticos sociais procuraram conectar seu antirracismo abrangente com sua impenitente crítica da religião. Trabalhos mais recentes, como *W.E.B. Du Bois: American Prophet* (2007) de Edward Blum, *W.E.B. Du Bois: Toward Agnosticism, 1868-1934* (2008) de Brian Johnson, *Divine Discontent: The Religious Imagination of W.E.B. Du Bois* (2009) de Jonathon Kahn, *The Souls of W.E.B. Du Bois* (2009) de Edward Blum e Jason Young, *Tragic Soul-Life: W.E.B. Du Bois and the Moral Crisis Facing American Democracy* (2012) de Terrence Johnson e *The New Abolition: W. E. B. Du Bois and the Black Social Gospel* (2015) de Gary Dorrien, têm revelado que Du Bois teve um relacionamento duradouro, crítico e às vezes contraditório com a religião, e particularmente como ela tem sido usada historicamente, ou melhor, abusada, para propósitos Eurocêntrico-ideológicos-imperialistas. Seu discurso sociológico, por mais sutil que seja, lança luz à uma perspectiva da história-cultura-filosofia africana (continental e diaspórica) sobre a religião que acentua, simultaneamente, os avanços que a religião inspirou e ilumina a dor e o mal que ela causou ao longo da história humana (DU BOIS, 2000, 2017; APTHEKER, 1982; EVANS, 2007; RABAKA, 2008, p. 119-158; WORTHAM, 2005a, 2009a, 2017; ZUCKERMAN, 2002, 2009).

A abordagem de Du Bois para a religião não pôde ser rapidamente ou facilmente isolada nos estudos tradicionais da religião, por causa de sua *transdisciplinaridade* e ênfase consistente nas questões de raça, gênero, classe e casta no domínio da religião (interseccional). A ênfase em questões seculares no interior do mundo sagrado da religião conduziu Du Bois a desenvolver um estilo característico de pensamento crítico religioso que prestava mais atenção para ações terrenas do que para palavras etéreas da tradição, instituição ou adeptos religiosos. Essa mudança de foco, ao lado de uma insatisfação com qualquer denominação religiosa específica, deu a Du Bois uma visão enorme das maneiras pelas quais a religião tem sido e continua a ser usada e abusada no interesse da dominação e discriminação Eurocêntrica-ideológica-imperialista (BLUM 2007; B. JOHNSON 2008; KAHN 2009; T.L. JOHNSON 2012; DORRIEN 2015).

Muitas vezes os escritos de Du Bois sobre a religião revelam tanto sobre a economia política da raça e racismo quanto sobre a “economia religiosa” ou os princípios da tradição religiosa em questão (WORTHAM 2009a). Ele estava aparentemente mais preocupado com, para usar suas palavras, o “problema da raça e religião” do que com o problema da religião, em um sentido isolado ou limitado (DU BOIS, 2000, p. 199). Como muitos de seus principais estudos de fato demonstram, religião e racismo têm sido inextrincáveis no período moderno (especialmente nos EUA), e alguns de seus trabalhos nesta veia apoiam uma afirmação similar no que diz respeito à religião e sexismo (DU BOIS 1907, 1919, 1920, 1924).

Tendo dito isto, a sociologia da religião de Du Bois consistentemente enfatizou a religião afro-americana (por exemplo, em “*The Negro Church*”) como um meio através do qual se critica a dominação branca e promova a libertação negra. Por exemplo, em *The Philadelphia Negro* ele identificou seis funções fundamentais da Igreja Afro-americana: aumentar o orçamento anual; manter a associação organizacional; interação social e atividades planejadas (diversão); estabelecimento de padrões morais; promoção da educação geral; e; estimular a melhoria social (DU BOIS, 1899b: 202-207; see also DU BOIS, 1903a; EVANS 2007; POLLARD 2011; SAVAGE 2000; WORTHAM 2009a).

Se, de fato, as análises funcionalistas da religião frequentemente enfatizavam as maneiras pelas quais as organizações religiosas ampliam o significado, encorajam unidade e fornecem apoio social, em conjunto com o oferecimento de um senso de pertencimento e identidade, então, pode ser facilmente argumentado que a sociologia da religião de Du Bois prefigura vários dos focos das análises funcionalistas da religião (WORTHAM, 2017, p. 5-11). No entanto, a sociologia da religião de Du Bois, em última análise, centra-se ironicamente mais em torno da libertação terrena do que da salvação celeste. Por exemplo, em seu artigo de 1929 “*The Color-Line and the Church*” Du Bois demonstrou uma de suas contribuições chave para a sociologia da religião: principalmente que a religião é, inextrincável, parte da história, da cultura e da economia política da sociedade, e sempre intersecciona e informa o pensamento e as práticas gerais da sociedade. Ele pontua de forma clara: “A Igreja Americana de Cristo [*The American Church of Christ*] está imersa no Jim Crow de cima a baixo. Nenhuma instituição da América é construída tão cuidadosamente ou absolutamente na linha de cor. Todo mundo sabe disso” (DU BOIS, 1929, p. 387-388).



DU BOIS E A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Talvez seja de conhecimento comum nesse ponto que no núcleo conceitual do discurso da ciência social de Du Bois esteja sua intensa procura por soluções para “problemas” sociais, políticos e culturais (DU BOIS, 1898c; DU BOIS, 2014). Na realidade, pode-se facilmente afirmar que Du Bois passou ao longo de sua vida editorial, uns oitenta anos quase incomensuráveis (de 1883 a 1963), procurando soluções para os problemas, e não apenas os problemas dos “negros”, mas problemas que afligiam a humanidade como um todo. Esses problemas variavam de natureza e nuance, mas cada um emergia dos fatos irrefutáveis do imperialismo moderno (e/ou pós-moderno) – e experimentados e sustentados especificamente em várias formas de racismo, sexismo, capitalismo e colonialismo (ANDERSON; ZUBERI 2000; PORTER, 2010; RABAKA, 2007). De acordo com Du Bois, um dos problemas prementes que confrontam a humanidade, e não-brancos em particular (em países capitalistas, comunistas e colonialistas) é, como ele mesmo aponta, o “problema da educação” (DU BOIS, 1973: 85; DU BOIS, 2002, 2013).

Educação, para Du Bois (1973:9) é “por derivação e de fato um extrato dos poderes humanos”. De acordo com Du Bois, a educação *envolveria* três coisas essencialmente. Primeiro, a educação requer o conhecimento crítico do passado; que é o estudo crítico da história, história africana continental e diaspórica vistas também como história “mundial”. Segundo, educação implica questões de cultura, “estudo cultural” – como Du Bois apontou anteriormente a Stuart Hall e seus companheiros dos estudos culturais – e investigação cultural crítica (HALL, 1996, 2016, 2017, 2019a, 2019b). Por fim, a sociologia da educação de Du Bois requer uma compreensão crítica das necessidades vitais do presente e do futuro – não apenas as necessidades de um grupo cultural, classe, raça ou gênero específico, mas da humanidade e de nossa frágil ecologia como um todo. Isso significa, portanto, que a sociologia da educação de Du Bois (assim como o discurso sociológico de Du Bois, em geral) é inerentemente humanista radical, multiracial, multicultural, transetnica e transnacional, e, muitas vezes, utiliza a história e cultura como a base para apreender, interpretar e criar consciência crítica sobre a vida e as lutas da população negra nos Estados Unidos e no mundo (ALRIDGE, 2008;



Gabbidon continua: “Durante o período em que a abordagem biológica e o movimento eugenista ganhavam força, Du Bois estava abrindo caminho com uma visão alternativa que, juntamente com seus fundamentos sociológicos, evocava o papel do preconceito e discriminação racial na explicação dos problemas sociais dos afro-americanos. Enquanto ele estava hesitante da magnitude da influência do preconceito e da discriminação no crime, ele reconheceu seu papel na situação deplorável dos afro-americanos”. Apesar de meu trabalho acima demonstrar que Du Bois veio a acreditar sempre mais que a discriminação racial tinha parte significativa na criminalização racial de afro-americanos e na justiça diferencial que eles recebiam, eu estou totalmente de acordo com Gabbidon em relação à sua afirmação que “Du Bois foi obviamente um dos fundadores da abordagem sociológica na criminologia”. Em outras palavras, acompanhando Gabbidon, eu estou afirmando que Du Bois deve ser considerado um dos fundadores da criminologia americana.

DU BOIS E A INAUGURAÇÃO DA SOCIOLOGIA AMERICANA

W.E.B. Du Bois fez várias contribuições para o desenvolvimento disciplinar e para os discursos em andamento da sociologia em geral, e da americana, em particular. Ao passo que o trabalho de Du Bois foi reconhecido dentro do mundo sociológico, seus primeiros volumes de *The Philadelphia Negro* e *The Souls of Black Folk* geralmente têm sido olhados exclusivamente pelos modos que eles contribuem para a sociologia da raça, sociologia urbana e a etnografia. No entanto, esse artigo demonstra e desconstrói o reducionismo epistêmico duradouro, que sempre e em todo lugar, relega Du Bois a sociologia da raça, sociologia urbana e a etnografia. Sem dúvidas, como foi discutido acima, Du Bois foi um dos primeiros sociólogos da raça na história da sociologia. Mas, como o restante desse artigo revela, ele também deveria ser considerado um sociólogo inigualável e pioneiro em várias outras áreas subdisciplinares, como: métodos de pesquisa; problemas sociais; estudos de comunidade; estudos populacionais; sociologia histórica; sociologia política; sociologia rural; sociologia industrial; sociologia da cultura; sociologia da família; sociologia da classe; sociologia do gênero; sociologia da religião; sociologia da educação; e sociologia do crime.

Du Bois foi, consistentemente, contra as correntes convencionais do início da sociologia. Por exemplo, quando a sociologia pareceu estar se movendo em uma direção mais metodológica dedutiva, os respectivos ensaios de Du Bois de 1903 e 1904 “*Sociology Hesitant*” e “*The Atlanta Conferences*” ofereceram argumentos extremamente convincentes para a ampliação da abordagem metodológica indutiva (DU BOIS, 1903b, 1904a). Além disso, em seu clássico de 1898 “*The Study of the Negro Problems*” ele inaugurou os estudos afro-americanos autênticos, postulando pela utilização de uma abordagem científica social indutiva, interdisciplinar nos esforços para, não apenas identificar e entender, mas também oferecer soluções viáveis para os problemas dos afro-americanos (DU BOIS, 1898c).

Como foi testemunhado nas seções anteriores, Du Bois empregou as teorias e metodologias emergentes de uma ampla gama de disciplinas: da sociologia e economia política, até história e antropologia. Assim como Marx, Foucault e Habermas, a história tinha um lugar especial no discurso de Du Bois, onde ele desenvolveu o hábito de empreender “arqueologias” interdisciplinares – à lá Foucault a mais de meio século depois – da evolução de certos problemas sociais e instituições sociais (GREGG, 1998; GUZMAN, 1961; KIRSCHKE; SINITIERE, 2014; WALDEN, 1963; WESLEY, 1965; C. WILLIAMS, 2018). No entanto, uma das muitas coisas que diferenciam o início da sociologia de Du Bois da filosofia de Foucault foi a intensa ênfase de Du Bois na pesquisa indutiva e empírica, a qual vários estudiosos de Du Bois têm argumentado que pode ser rastreada até seus estudos de doutorado no Departamento de Economia Política da Universidade de Berlim (APPIAH, 2014; BARKIN, 2000; BECK, 1996; BOSTON, 1991; BRODERICK, 1958a, 1958b; EDWARDS, 2001, 2006; JAKUBEK; WOOD, 2018; LEWIS, 1993, p. 117-149; LEWIS, 2009, p. 90-109; SAARI, 2009; SCHÄFER, 2001; WEGER, 2009).

Semelhante às suas contribuições aos métodos de pesquisa, as contribuições de Du Bois para o discurso sobre os problemas sociais continuam sendo negligenciadas nos círculos sociológicos. No entanto, seu “*The Study of the Negro Problems*” foi sem dúvidas um dos ensaios mais antigos, programáticos e provocativos sobre as características e consequências dos problemas sociais absolutamente “americanos”, apresentados nos EUA durante a última década do século XIX (Anderson; Zuberi 2000). Aqui nos deparamos com as contribuições de Du Bois para a teoria da tensão (*strain*) ou da anomia,



As publicações da Conferência da Universidade de Atlanta, editada por Du Bois, geralmente continham pesquisas baseadas em *surveys* locais e focadas em condições locais. Na realidade, em seu clássico de 1900, “*The Twelfth Census and the Negro Problems*”, Du Bois inflexivelmente discutiu que estudos sociais micrológicos, ou locais, frequentemente provavam fornecer detalhes intrincados e indispensáveis sobre um problema social específico ou condição social que os dados dos censos e outros estudos macrológicos não forneciam (DU BOIS, 1900b; RUDWICK, 1957; S. WILSON, 2015; WORTHAM, 2009b).

Depois de levar em consideração tudo o que foi exposto, parece que demos uma volta completa, retornando para questões críticas com as quais nós começamos: por que o legado sociológico de Du Bois sofreu uma negação sociológica? Por que suas contribuições para as subdisciplinas sociológicas acima mencionadas foram excluídas, ignoradas, ou apagadas em um século desde a fundação da *American Sociological Association*? De quais formas a ausência óbvia de Du Bois da maioria das histórias clássicas e contemporâneas do desenvolvimento disciplinar e das formações discursivas da sociologia fala, de maneira especial, sobre a amnésia histórica intelectual em andamento da sociologia americana; sobre a decadência disciplinar e, mais ainda, sobre sua participação no apartheid epistêmico? No entanto, verdade seja dita, a sociologia não está sozinha em sua negação do discurso de Du Bois. Mas, de fato, há um eclipse intelectual duradouro pairando assustadoramente sobre o legado intelectual insurgente e político radical de W.E.B. Du Bois na sociologia americana, e podemos apenas esperar que este artigo possa ajudar a garantir que as contribuições de Du Bois não sejam apagadas ou tornadas invisíveis para o mundo mais amplo da sociologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, Michelle. (2010). *The New Jim Crow: Mass Incarceration in the Age of Colorblindness*. New York: New Press.
- ALLEN, Ernest. (1992). “Ever Feeling One's Twoness: ‘Double Ideals’ and ‘Double-Consciousness’ in *The Souls of Black Folk*.” *Critique of Anthropology* 12 (3), 261-275.
- ALRIDGE, Derrick P. (2008). *The Educational Thought of W.E.B. Du Bois: An Intellectual History*. New York: Teachers College Press.



ANDERSON, Elijah. (1996). "Introduction to the 1996 Edition of *The Philadelphia Negro*." In W.E.B. Du Bois, *The Philadelphia Negro: A Social Study*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, viiii-xxxvi.

_____. (2000). "The Emerging Philadelphia African American Class Structure." *Annals of the American Academy of Political and Social Science* 568, 41-53.

_____. Anderson, Elijah, and Zuberi, Tukufu. (Eds.). (2000). *The Study of African American Problems: W.E.B. Du Bois's Agenda, Then and Now*. Thousand Oaks: Sage.

APPIAH, Kwame Anthony. (2014). *Lines of Descent: W. E. B. Du Bois and the Emergence of Identity*. Cambridge: Harvard University Press.

APTHEKER, Herbert. (1982). "W.E.B. Du Bois and Religion: A Brief Reassessment." *Journal of Religious Thought* 59, 5-11.

BALFOUR, Lawrie. (1998). "'A Most Disagreeable Mirror': Race Consciousness as Double-Consciousness." *Political Theory* 26 (3), 346-369.

_____. (2011). *Democracy's Reconstruction: Thinking Politically with W.E.B. Du Bois*. New York: Oxford University Press.

BARKIN, Kenneth. (2000). "'Berlin Days,' 1892-1894: W.E.B. Du Bois and German Political Economy." *Boundary 2* 27 (3), 79-101.

BAY, Mia. (1998). "'The World Was Thinking Wrong About Race': *The Philadelphia Negro* and Nineteenth-Century Science." In Michael B. Katz and Thomas J. Sugrue (Eds.), *W.E.B. Du Bois, Race, and the City: The Philadelphia Negro and Its Legacy*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 41-60.

BECK, Hamilton. (1996). "W.E.B. Du Bois as a Study Abroad Student in Germany, 1892-1894." *Frontiers: The Interdisciplinary Journal of Study Abroad* 2 (1), 45-63.

BELL, Bernard W. (1996). "Genealogical Shifts in Du Bois's Discourse on Double-Consciousness as the Sign of African American Difference." In Bernard W. Bell, Emily R. Grosholz, and James B. Stewart (Eds.), *W.E.B. Du Bois: On Race and Culture*. New York: Routledge, 87-108.

BLACK, Marc. (2007). "Fanon and DuBoisian Double-Consciousness." *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge* 5 (3), 393-404.

BLUM, Edward J. (2007). *W.E.B. Du Bois: American Prophet*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

BLUM, Edward J., and Young, Jason R. (Eds.). (2009). *The Souls of W.E.B. Du Bois: New Essays and Reflections*. Macon: Mercer University Press.

BOSTON, Thomas D. (1991). "W.E.B. Du Bois and the Historical School of Economics." *American Economic Review* 81 (2), 303-306.

_____. (2017). "W.E.B. DuBois As Economic Analyst." In Thomas D. Boston (Ed.), *Leading Issues in Black Political Economy*. New York: Routledge, 253-272.

BRODERICK, Francis L. (1958a). "The Academic Training of W.E.B. Du Bois." *Journal of Negro Education* 27, 10-16.

_____. (1958b). "German Influence on the Scholarship of W.E.B. Du Bois." *Phylon* 19, 367-371.



Brodwin, Stanley. (1972). "The Veil Transcended: Form and Meaning in W.E.B. DuBois's *The Souls of Black Folk*." *Journal of Black Studies* 2 (3), 303-322.

BRUCE, Dickson D. (1992). "W.E.B. Du Bois and the Idea of Double-Consciousness." *American Literature* 64 (2), 299-309.

BULMER, Martin. (1991). "W.E.B. Du Bois as a Social Investigator: *The Philadelphia Negro*, 1899." In Martin Bulmer, Kevin Bales, and Kathryn Kish Sklar (Eds.), *The Social Survey in Historical Perspective, 1880-1940*. Cambridge: Cambridge University Press, 170-188.

BURBRIDGE, Lynn C. (1999). "W.E.B. Du Bois As Economic Analyst: Reflections on the 100th Anniversary of *The Philadelphia Negro*." *The Review of Black Political Economy* 26 (3), 13-31.

CARASTATHIS, Anna. (2016). *Intersectionality: Origins, Contestations, Horizons*. Lincoln: University of Nebraska Press.

CARROLL, Rebecca. (Eds.). (2003). *Saving the Race: Conversations on Du Bois from a Collective Memoir of The Souls of Black Folk*. New York: Harlem Moon.

COLLINS, Patricia Hill and Bilge, Sirma. (2016). *Intersectionality*. Cambridge: Polity Press.

CRENSHAW, Kimberlé. (1989). "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Anti-Discrimination Doctrine, Feminist Theory, and Anti-Racist Politics." *University of Chicago Legal Forum* 1 (8), 139-167.

_____. (2019). *On Intersectionality: Essential Writings*. New York: New Press.

CROUCH, Stanley, and Benjamin, Playthell. (2002). *Reconsidering The Souls of Black Folk: Thoughts on the Groundbreaking Classic Work of W.E.B. Du Bois*. Philadelphia: Running Press.

DENNIS, Rutledge M. (2003). "W.E.B. Du Bois's Concept of Double-Consciousness." In John Stone and Rutledge M. Dennis (Eds.), *Race and Ethnicity: Comparative and Theoretical Approaches*. Malden, MA: Blackwell, 23-47.

DORRIEN, Gary. (2015). *The New Abolition: W. E. B. Du Bois and the Black Social Gospel*. New Haven: Yale University Press.

DU BOIS, W.E.B. (1897). "A Program for a Sociological Society." [Unpublished manuscript]. W.E.B. Du Bois Papers, Department of Special Collections and University Archives, W.E.B. Du Bois Library, University of Massachusetts at Amherst.

_____. (1898a). "The Negroes of Farmville, Virginia: A Social Study." *Bulletin of the Department of Labor* 3 (14), 1-38.

_____. (Ed.). (1898b) *Some Efforts of American Negroes for Their Own Social Betterment*. Atlanta: Atlanta University Press.

_____. (1898c). "The Study of the Negro Problems." *Annals of the American Academy of Political and the Social Science* 11 (1), 1-23.

_____. (1899a). "The Negro in the Black Belt: Some Social Sketches." *Bulletin of the Department of Labor* 4: 401-417.

_____. (1899b). *The Philadelphia Negro: A Social Study*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____. (1900a). "Post-Graduate Work in Sociology at Atlanta University." [Unpublished manuscript]. W.E.B. Du Bois Papers, Department of Special Collections and University Archives, W.E.B. Du Bois Library, University of Massachusetts at Amherst.

_____. (1900b) "The Twelfth Census and the Negro Problems." *The Southern Workman* 29 (2), 306-309.



GOODING-WILLIAMS, Robert. (2009). *In the Shadow of Du Bois: Afro-Modern Political Thought in America*. Cambridge: Harvard University Press.

GOODING-WILLIAMS, Robert and Dwight A. McBride (Eds.). (2005). "One Hundred Years of *The Souls of Black Folk*: A Celebration of W.E.B. Du Bois." *Public Culture* 17 (2), 1-160.

GRAMSCI, Antonio. (1971). *Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci* (Quintin Hoare and Geoffrey Nowell-Smith, Eds.). New York: International.

____ (2000). *The Antonio Gramsci Reader: Selected Writings, 1916-1935* (David, Forgacs, Ed.).N New York: New York University Press.

GRANT, Carl A. (2017). *Du Bois and Education*. New York: Routledge.

GREEN, Dan S., and Wortham, Robert A. (2015). "Sociology Hesitant: The Continuing Neglect of W.E.B. Du Bois." *Sociological Spectrum* 35 (6), 518-533.

GREEN, Dan S., and Wortham, Robert A. (2018). "The Sociological Insight of W.E.B. Du Bois." *Sociological Inquiry* 88 (1), 56-78.

GREGG, Robert. (1998). "Giant Steps: W.E.B. Du Bois and the Historical Enterprise." In Michael B. Katz and Thomas J. Sugrue (Eds.), *W.E.B. Du Bois, Race, and the City: The Philadelphia Negro and Its Legacy*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 41-60.

GRZANKA, Patrick R. (Ed.). (2018). *Intersectionality: A Foundations and Frontiers Reader*. New York: Routledge.

GUZMAN, Jessie P. (1961). "W.E.B. Du Bois: The Historian." *Journal of Negro Education* 30 (4), 377-385.

HALL, Stuart. (1996). *Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies* (David Morley and Kuan-Hsing Chen, Eds.). New York: Routledge.

____ (2016). *Cultural Studies 1983: A Theoretical History* (Jennifer Daryl Slack and Lawrence Grossberg, Eds.). Durham: Duke University Press.

____ (2017). *Selected Political Writings: The Great Moving Right Show and Other Essays* (Sally Davison, Ed.). Durham: Duke University Press.

____ (2019a). *Essential Essays, Volume 1: Foundations of Cultural Studies* (David Morley, Ed.). Durham: Duke University Press.

____ (2019b). *Essential Essays, Volume 2: Identity and Diaspora* (David Morley, Ed.). Durham: Duke University Press.

HALLETT, Michael A. (2006). *Private Prisons in America: A Critical Race Perspective*. Urbana: University of Illinois Press.

HANCOCK, Ange-Marie. (2005). "W.E.B. Du Bois: Intellectual Forefather of Intersectionality?." *Souls* 7 (3-4), 74-84.

____ (2016). *Intersectionality: An Intellectual History*. Oxford: Oxford University Press.

HATTERY, Angela J., and Smith, Earl. (2005). "William Edward Burghardt Du Bois and the Concepts of Race, Class, and Gender." *Sociation Today* 3 (1). Online at: <http://www.ncsociology.org/sociationtoday/v31/smith.htm>

Lindner, Rolf. (2006). *The Reportage of Urban Culture: Robert Park and the Chicago School*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lucal, Betsy. (1996). "Race, Class, and Gender in the Work of W.E.B. Du Bois: An Exploratory Study." *Research in Race & Ethnic Relations* 9, 191-210.

Lyubansky, Mikhail, and Eidelson, Roy J. (2005). "Revisiting Du Bois: The Relationship Between African American Double-Consciousness and Beliefs about Racial and National Group Experiences." *Journal of Black Psychology* 31 (1), 3-26.

Marable, Manning. (1986). *W.E.B. Du Bois: Black Radical Democrat*. Boston: Twayne.

Matthews, Fred H. (1977). *Quest for an American Sociology: Robert E. Park and the Chicago School*. Montreal: McGill-Queen's University Press.

Mauer, Marc (2006). *Race to Incarcerate*. New York: New Press.

May, Vivian M. (2015). *Pursuing Intersectionality, Unsettling Dominant Imaginaries*. New York: Routledge.

McKay, Nellie Y. (1985). "W.E.B. Du Bois: The Black Woman in His Writings—Selected Fictional and Autobiographical Portraits." In William L. Andrews (Ed.), *Critical Essays on W.E.B. Du Bois*. Boston: G.K. Hall, 230-252.

____ (1990). "The Souls of Black Women Folk in the Writings of W.E.B. Du Bois." In Henry Louis Gates (Ed.), *Reading Black/Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian, 227-243.

Mielke, David Nathaniel. (1977). "W.E.B. Du Bois: An Educational Critique." Ph.D. dissertation, University of Tennessee, Knoxville.

Mocombe, Paul C. (2008). *The Soul-less Souls of Black Folk: A Sociological Reconsideration of Black Consciousness as Du Boisian Double-Consciousness*. Lanham: University Press of America.

Morris, Aldon D. (2007). "Sociology of Race and W.E.B. Du Bois." In Craig J. Calhoun (Ed.), *Sociology in America: A History*. Chicago: University of Chicago Press, 503-534.

____ (2015). *The Scholar Denied: W.E.B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. Berkeley: University of California Press.

Mullen, Bill. (2015). *Un-American: W.E.B. Du Bois and the Century of World Revolution*. Philadelphia: Temple University Press.

____ (2016). *W.E.B. Du Bois: Revolutionary Across the Color-Line*. London: Pluto Press.

Nash, Jennifer C. (2019). *Black Feminism Reimagined: After Intersectionality*. Durham: Duke University Press.

Neal, Terry Ray. (1984). "W.E.B. Du Bois's Contributions to the Sociology of Education." Ph.D. dissertation, University of Cincinnati.

Nwankwo, Henry C. (1989). "The Educational Philosophy of W.E.B. Du Bois: A Nigerian Interpretation." Ph.D. dissertation, East Texas State University.



____ (2009c). "W.E.B. Du Bois and the Scientific Study of Society: 1897-1914." In Robert A. Wortham (Ed.), *W.E.B. Du Bois and the Sociological Imagination: A Reader, 1897-1914*. Waco, TX: Baylor University Press, 1-20.

____ (2011). "The Sociological Souls of Black Folk." In W.E.B. Du Bois, *The Sociological Souls of Black Folk: Essays by W. E. B. Du Bois* (Robert A. Wortham, Ed.). Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, xiii-xlv.

____ (2017). "Editor's Introduction." In W.E.B. Du Bois, *W. E. B. Du Bois and the Sociology of the Black Church and Religion, 1897-1914* (Robert A. Wortham, Ed.). Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1-22.

Wright, Earl. (2006). "W. E. B. Du Bois and the Atlanta University Studies on the Negro, Revisited." *Journal of African American Studies* 9 (4), 3-17.

____ (2016). *The First American School of Sociology: W.E.B. Du Bois and the Atlanta Sociological Laboratory*. New York: Routledge.

Yellin, Jean Fagan. (1973). "Du Bois', Crisis and Woman's Suffrage." *Massachusetts Review* 14 (2), 365-375.

Young, Alford A., Marable, Manning, Higginbotham, Elizabeth, Lemert, Charles C., and Watts, Jerry Gafio. (2006). *The Souls of W.E.B. Du Bois*. Boulder: Paradigm Publishers.

Zamir, Shamoan. (1995). *Dark Voices: W.E.B. Du Bois and American Thought, 1888-1903*. Chicago: University of Chicago Press.

Zerai, Assata. (2000). "Agents of Knowledge and Action: Selected Africana Scholars and their Contributions to the Understanding of Race, Class and Gender Intersectionality." *Cultural Dynamics* 12 (2), 182-222.

Zuberi, Tufuku [a.k.a. Antonio McDaniel]. (1998). "The 'Philadelphia Negro' Then and Now: Implications for Empirical Research." In Michael B. Katz and Thomas J. Sugrue (Eds.), *W.E.B. Du Bois, Race, and the City: The Philadelphia Negro and Its Legacy*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 155-194.

____ (2004). "W.E.B. Du Bois's Sociology: *The Philadelphia Negro* and Social Science." *Annals of the American Academy of Political and Social Science* 595, 146-156.

Zuckerman, Phil. (2002). "The Sociology of Religion of W.E.B. Du Bois." *Sociology of Religion* 63 (2), 239-253.

____ (2004). "Introduction to the Social Theory of W.E.B. Du Bois". In Phil Zuckerman (Ed.), *The Social Theory of W.E.B. Du Bois*. Thousand Oaks: Sage, 1-17.

____ (2009). "The Irreligiosity of W.E.B. Du Bois." In Edward J. Blum and Jason R. Young (Eds.), *The Souls of W.E.B. Du Bois: New Essays and Reflections*. Macon: Mercer University Press, 3-17.